

1

Senhores

É natural que, escolhido pelo diretor da casa, para abrir os trabalhos deste novo ano letivo, me volte para a ciência, a que me acostumei a lecionar e que me tem sido uma preocupação constante na vida: a Gramática. É dela, portanto, que vos venho falar.

Tal como era ensinada outrora, com uma sistematização apressada, sem fundamentação racional nos fatos ~~da língua~~, abarrotada de regrinhas que se multiplicavam a cada página, a gramática não tinha atractivos, e, se não despertava, desde logo, uma franca antipatia por parte do aluno, deixava-o, todavia, num estado de quasi indiferença. Assim se explica a quasi aversão que as gerações passadas alimentaram contra os gramáticos "praga de gente bem excusada no mundo", no dizer do polígrafo lusitano Francisco Manuel de Melo.

Os estudantes só a concebiam como um flagelo da memória, considerando-a o verdadeiro papão da escola. Nem de outro modo a poderiam conceber. As aulas se arrastavam monotonamente, ~~de~~ <sup>deixando</sup> definições e citações; cada regra

(2)

era acompanhada do <sup>ter</sup>cor das exceções, que davam imenso trabalho ao cérebro, sem nenhuma vantagem prática.. Isto porque, às vezes, no momento exato da aplicação da regra, esta lhes fugia da memória, havendo destarte um hiato entre esses preceitos hauridos a priori e a única realidade viva, que é a língua.

Haverá talvez certo exagero na crítica de Tolentino, mas a verdade é que ele devia ter bem presente ao espírito as torturas a que os mestres ~~de gramática~~ de seu tempo submetiam os seus condiscípulos e a ele proprio, quando nos põe a nú a natureza transcendental das suas cogitações:

"Entre o jota e o i romano,  
que diferença se achasse  
trabalhava havia um ano,  
-obra que se ele acabasse,  
feliz do gênero humano."

Esse método pedagógico que herdamos dos romanos com a língua que deles recebemos, predominou muito tempo nas escolas, o que se não deve estranhar, dado o prestígio extraordinário da civilização latina, olhada com admiração sempre crescente pelas novas nacionalidades que surgiam de seus escombros.

As primeiras gramáticas portuguesas evidenciam essa orientação dos velhos preceptores latinos, onde a figura austera de Quintiliano se agigantava como uma divindade excelsa, em cujas aras se ofereciam todos os holocaustos.

Era a inversão dos fatores na equação: primeiro a Gramática, depois a língua, quando se não fazia abstração completa ~~da~~ <sup>da</sup> língua, para só tomar em consideração a Gramática em si mesma, como disciplina bastante, com finalidade própria, sem contato com o idioma.

Mas vieram os tempos modernos. A revolução que se operou nos métodos pedagógicos das varias ciencias, atingiu tambem a Gramática, que passou para segundo plano, integrando-se no seu verdadeiro lugar, enquanto a língua, <sup>em si</sup> assumia a posição <sup>em verdade</sup> que lhe compete.

Com efeito, se a Gramática aparece depois da língua, como uma codificação de suas principais regras, o que se impõe como lógico, segundo a ordem natural das coisas, é que seja estudada em função da propria língua.

O ponto de partida para o estudo da Gramática, dentro da classe, deve ser, por conseguinte, o texto; a pro-

porção que este se desdobra, toca ao mestre mostrar à classe que as palavras não são apenas entidades isoladas, que servem para traduzir a idéia (vocabulário), encerram tais ou quais elementos formadores (etimologia), constam destes ou aqueles fonemas, se escrevem de um ou outro modo (ortografia), se pronunciam desta ou aquela maneira (prosodia), são substituíveis umas pelas outras (sinonímia), assumem sentidos varios (semântica); mas, e acima de tudo, que se combinam numa frase, harmonizando as suas flexões (morfologia e sintaxe de concordância), se dispõem numa ordem mais ou menos fixa (sintaxe de colocação), prescindem ou exigem certos elementos de ligação (sintaxe de regencia), etc.

Em classes mais adiantadas, partindo do texto, compete <sup>ao mestre</sup> ~~lhe~~ ressaltar a especie de estilo usado no trecho, <sup>o modo particular de escrever do autor</sup> ~~o particular do autor~~, o emprego das chamadas figuras, <sup>mostrando a variedade e o efeito</sup> ~~mostrando~~ como o mesmo pensamento pode ser expresso de modo diferente, mais frouxa ou vigorosamente, segundo a intenção ou estado de alma; e aproveitando a ocasião, demonstrará os efeitos da arte na linguagem, ponto em confronto a linguagem culta e plebéia. O texto pode ainda servir-lhe de motivo para comentarios acerca das escolas

literarias, das crenças e costumes da época, sobre o meio, enfim, em que viveu o autor e desenvolveu as suas qualidades de <sup>artista</sup> ~~escritor~~. Efetivamente, quem <sup>habeer mediamente</sup> ~~um tanto~~ versado nestes assuntos, não distingue logo se um trecho é prosa ou verso, pertence a autor antigo ou moderno, da escola romântica ou realista?

Assim, a leitura ~~de dia~~, previamente escolhida, fornecerá ao <sup>monte</sup> professor a lição de gramática, estilística ou literatura. <sup>de cada dia</sup> Afastar-se dessa orientação é construir no vacuo, é levantar edificio sobre base de areia, é, em suma, construir castelos no ar.

Um ponto para o qual quero chamar a vossa benévola atenção, é para a crença, infelizmente generalizada entre nós, de que se pode ensinar a lingua, com exclusão da parte histórica. ~~Uma vez que se ocupa de gramática expositiva, não se expressando absolutamente pela histórica, cujo conhecimento é dispensável.~~

Essa opinião é inteiramente falsa. Não há facto de linguagem que não tenha a sua explicação histórica, quem o diz, é o grande mestre francês Albert Dauzat: "Tous les faits du langage ont une explication historique.."

Os mais corriqueiros fatos, <sup>por consequência,</sup> da ~~língua~~ estão a exigir de nós explicações, baseadas na Gramática histórica, e muito má figura fará diante da sua classe o mestre que a ignorar.

Senão, vejamos. Como procederá ele, para satisfazer a curiosidade dos alunos, quando asseteado por perguntas como estas: Por que é o -a flexão do masculino e o -o do masculino? Qual a razão por que o -s indica o plural das palavras? Tendo os vocábulos geralmente um só plural, por que só os terminados em -ão podem ter três, em -ãos, -ães e -ões? Como se explica a irregularidade de certos verbos? Por que existem exceções? E outras ~~ques-~~  
<sup>tas.</sup>  
~~te jaez.~~

A própria distinção entre Gramática expositiva e Gramática histórica é mais convencional do que real. Uma é o complemento da outra, por conseguinte, falando cientificamente, não há duas disciplinas; o que há, efetivamente, é uma só disciplina: -a Gramática ou estudo da língua. Uma, encarando o idioma sob o aspecto da correção, focaliza-a ~~em dado~~ <sup>momento;</sup> ao passo que a outra, ocupando-se do seu passado, por ele explica o atual, consolidando e fortalecendo os nossos conhecimentos.

(7)

As formas presentes, visto que não se criaram no curso da nossa geração, mas refletem, ou melhor, são a continuação de estagios passados, só por eles se podem explicar. Assim, a propria correção da lingua, objeto da Gramática expositiva, encontra explicação mais ampla e segura na Gramática histórica.

Ninguém terá o descoco de afirmar que existem duas álgebras, só pelo fato de uma, elementar, ocupar-se de questões simples, e a outra, superior, de assuntos complexos. Assim, também, só existe uma disciplina da lingua: -a Gramática.

Quem se aventura a dar aulas de lingua vernácula não pode, de modo nenhum, desconhecer os preceitos da Gramática histórica, onde se nos deparara chave para a solução de todos os problemas da lingua atual.

Não há idioma imutavel. Todos se modificam e se alteram, no transcurso do tempo. Instrumento de comunicação de um povo, ele reflete todas as mutações que se verificam na sua vida. <sup>do vivo.</sup> A estabilidade que se observa numa lingua, em determinado momento, é fenômeno ilusorio. Pode-se mesmo afirmar que um dos caracteres fundamentais

do <sup>idioma</sup> ~~linguagem~~, é a sua constante evolução. "Nenhuma língua, afirma Gregoire, permanece indefinidamente semelhante a si mesma. Cada idioma se transforma com o tempo, e as fases da sua evolução constituem um novo objeto de estudo para o linguista."

A aparente fixidez que uma língua apresenta, decorre do embate de duas corrente antagônicas: a culta e a popular. Enquanto a corrente a culta, representada pelos gramáticos e <sup>literatos</sup> ~~homens cultos~~, e baseada na tradição, se esforça por enquadrá-la dentro dos moldes do passado, combatendo abertamente os fatos novos; a popular, representada pela gente inculta, que numa nação constitui sempre a maioria, sem consideração aos estagios anteriores da língua, que ela desconhece, ou à praxe dos letrados, cujas obras ignora, utiliza-a apenas como meio de expressão dos seus pensamentos, simplificando os <sup>seus</sup> processos gramaticais, criando <sup>as palavras de sua necessidade,</sup> vocábulos ou torneios novos, para o que lhe serve de timoneiro a analogia.

A principio o fato novo é combatido pelos ~~homens cultos~~, mas, à força de ser repetido, <sup>for</sup> amortece a consciencia da novidade, e, dentro em pouco, sancionado pela pena dos escritores, se integra no patrimonio da língua.



A quem quer que abra uma Gramática antiga, logo se lhe depararão formas e expressões, tidas por incorretas no tempo, as quais são hoje correntes e prestadias.

A luta que se trava entre as duas correntes, retarda a evolução da língua; dá, a imagem de aparente fixidez que ~~nela se observa~~ <sup>ela oferece</sup>, o que permite o entendimento perfeito entre duas ou mais gerações.

Os fenômenos linguísticos são, por isso, demorados, não se processam dentro do curto espaço de uma existência. Não falo dos que decorrem da moda ou capricho, condicionados sempre à duração deste ou daquela, mas dos que encontram a sua explicação numa espécie de instinto linguístico, ditado pelo próprio genio da língua.

Se, ao contrario, eles se processassem com a rapidez de certos fenômenos naturais, assistitiamos ao espetáculo desconcertante de duas gerações, ligadas pelos mais estreitos vínculos, biológico, político, social e histórico, conviverem num mesmo território, sem a necessaria compreensão mutua. Como consequencia, ~~haveria uma~~ <sup>de</sup> descontinuidade linguística que ~~daria em resultado~~ <sup>haveria também</sup> uma descontinuidade social, capaz de desfazer todos os liames que nos prendem ao passado e, através dele, ao que mais preza-

mos na terra -a familia e a patria.

A hora urge, senhores, e é força que ponha um ponto final a esta palestra. Muitos coisas quereria ainda dizer-vos, e o diria por certo, se não receasse roubar, por mais alguns instantes, a vossa preciosa atenção.

Neste momento de cruéis apreensões para o mundo, em que os povos dos mais afastados rincões patenteiam o seu amor às tradições, numa manifestação clara de nacionalismo, não nos é lícito ficar à margem da estrada, esperando que os outros passem, mas compete-nos enfileirar nas coortes que marcham, numa revelação evidente de que amamos também as nossas coisas, porque <sup>é dever de</sup> ~~em~~ todo brasileiro que estuda, <sup>a manda a sua</sup> palpita o amor da grande Patria, demonstrado <sup>o</sup> no devotamento com que lhe cultivamos a lingua, o mais poderoso e forte elo da <sup>unidade</sup> ~~coesa~~ção nacional.